



A hospitalidade templária e cátara¹

Lucio Grinover²

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Resumo

A hospitalidade templária e cátara foi posta em prática em contextos diferentes, embora essas duas sociedades tenham vivido na mesma época, em territórios contíguos e tendo sido coagidas pelos mesmos opressores: a monarquia francesa e a igreja romana. Os templários seguiam a mesma Regra Beneditina dos monges cistercienses, enquanto os catáros considerados heréticos, puseram em prática uma hospitalidade fundamentada na solidariedade, na família, na amizade, até a Inquisição condenar toda prática que se opunha aos preceitos da Igreja oficial. A sociedade cátara perseguida até a fogueira instituiu uma hospitalidade clandestina que poderíamos denominar tentativamente de “hospitalidade do medo”. A atualidade daquela situação nos leva a sugerir novas investigações sobre a hospitalidade relacionada à memória, à história e à filosofia.

Palavras-Chave: Hospitalidade; Templários; Catáros.

Hospitalidade Templária e Cátara

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. (GOFF, 1988)

Recentemente realizamos uma investigação sobre a história da hospitalidade monástica (GRINOVER, 2007) por meio de levantamentos documentais, análises de biografias especializadas e registros fotográficos de abadias, relacionados com a hospitalidade junto aos monges cistercienses. Essa investigação nos confirmou a estreita relação daquela ordem monástica com a ordem dos templários e a analogia posta em prática da hospitalidade das

¹ Trabalho apresentado ao GT – Outras Interfaces do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

² Professor aposentado da FAU/USP; foi diretor desta unidade de ensino e pesquisa em 1976/1980 e 1982/1986. Foi coordenador do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi 2001-2003. Autor de diversos artigos e responsável, a partir de 2001, por pesquisas na área de hospitalidade. Realizou diversas viagens de estudos, particularmente em 2004, 2005 e 2007, participou de reuniões, encontros e congressos no país e no exterior na área de interesse da hospitalidade. É autor do livro *A hospitalidade, a cidade e o turismo*, editado pela Aleph em 2007.



duas ordens; sobre os cistercienses falamos em outra oportunidade (GRINOVER, 2007), mas é necessário neste trabalho, conhecer quem eram esses cavaleiros de túnica branca, com a cruz vermelha no peito e no estandarte de batalha.

Os Templários

Após a tomada de Jerusalém, em 1099, por obra da 1ª Cruzada, é fundada em 1118, por um grupo de nobres da Borgonha, a ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo, a quem o rei de Jerusalém deu a sede na Esplanada do Templo de Salomão; daí o nome de templários. O objetivo dessa ordem de monges-guerreiros era proteger as caravanas de peregrinos que visitavam a Terra Santa e formar, ao mesmo tempo, uma força militar sob as ordens do Papa. Como os monges cistercienses, uma vez admitidos na ordem, os templários prestavam os votos de pobreza, castidade e obediência, doando todas suas posses à ordem. Lutaram com habilidade e coragem contra os sarracenos e os infiéis, em geral, até que invejas e traições, interna e externamente à ordem, criaram desconfiças de reis e príncipes da Europa e do próprio papado. O rei da França, Felipe o Belo, para reforçar a monarquia e seus cofres (os templários administravam os bens de reis e de nobres europeus), quebrou o poder dos templários. Acusados injustamente de diversos delitos e até de heresia, em 1307, à revelia do Papa Clemente V, o rei mandou prender todos os templários sediados em território francês, submetendo-os a processos, inclusive a torturas e à fogueira. Em 1312 a ordem foi extinta e todos seus bens foram transferidos, por ordem do próprio papa, para os Hospitalarios, Cavaleiros da Ordem do Hospital Saint-Jean de Jerusalém, instituída em 1113, pouco antes dos templários.

Esses, antes da extinção da ordem, construíram e administraram, em toda a Europa, as comendas, propriedade agrícolas de grande porte, em geral fortificadas. O edifício mais importante era a “casa-mãe”, em volta da qual estavam implantadas as chácaras (ou “mas”), ou fazendas onde viviam os agricultores e os artesãos, que trabalhavam sob as ordens dos templários, assim como a hospedaria, onde eram recebidos os viajantes e os peregrinos. A prática da hospitalidade era gratuita, como a dos cistercienses em suas abadias. Visitamos e fotografamos as comendas do Lazarc, região de Altopiano, confinada pelos Vales do Cernon, do Tarn e da Dourbie. As comendas visitadas foram a de Santa Eulália (*Sainte-Eulalie*), da *Cavalerie*, da *Couvertirade*, da *Viala-Du-Pas-Du-Jaux* e a de *Saint-Jean-D’Alcas*, esta última criada pelos monges cistercienses de Nonanque.



As comendas foram criadas quando da chegada dos templários na região, por volta de 1140, período em que se assistia a uma renovação monástica extraordinária, marcada pela implantação das abadias cistercienses, e pela criação das ordens militares. O objetivo dessas comendas, além de reunir agricultores isolados nas fazendas próximas, era o de fornecer aos templários combatentes na Palestina, trigo, cereais e animais as ovelhas, para a pele e a lã, e os cavalos para a guerra. Não eram fortalezas, como as que foram construídas no Oriente; eram tão somente organizações agrícolas com um simples sistema de defesa contra bandos de saqueadores.

Nobres, camponeses e clero formavam as três categorias sociais fundamentais e qualquer que tenha sido sua condição social, os homens da idade média não estavam isolados: estavam relacionados por ligações de solidariedade, das quais a mais importante era a da família. Entretanto havia poucos documentos que permitissem conhecer com clareza a estrutura familiar, quais os bens e o modo pelo qual eram transmitidos. Depois da família era a paróquia, a outra grande forma de solidariedade. Pólo de atração, a Igreja unia os homens. Nessas regiões de habitat espalhado pelo território, era um elemento de coesão entre as pessoas das fazendas. A Igreja reunia os paroquianos para o ofício divino, pelo menos aos domingos e nos dias festivos. As principais cerimônias ali se realizavam: batismos, matrimônios, funções fúnebres. Mas a comunidade paroquiana era, ao mesmo tempo, uma comunidade temporal; era tradicionalmente um refugio, um lugar de asilo, um lugar de acolhimento. (JACQUES, 2002).

Família, paróquia, ligações de vassalagem, esses foram os principais quadros, no interior dos quais se desenvolvia a vida dos homens da Idade Média.

Como as ordens monásticas nos numerosos mosteiros, abadias e casas religiosas instaladas no Lázaro e no Rouergue, os templários formavam uma pequena sociedade à parte, que mantinha múltiplas e diferentes relações com o resto da sociedade. Esses homens eram de dois tipos: os cavaleiros templários propriamente ditos, os religiosos e os laicos, querendo se beneficiar das vantagens espirituais e materiais da casa do templo.

Se os documentos legais da época forneciam informações preciosas sobre as terras e as casas e sobre os diferentes meios pelos quais eram feitas as doações ou as aquisições. Esses documentos, entretanto, deixaram muito pouco sobre os próprios templários. Conheciam-se bastante as atividades administrativas e de gestão dos bens da comunidade, mas ignorava-se seus credos, seus projetos, sua vida cotidiana.



Como os documentos informavam, as comendas foram gratificadas com doações consideráveis ao longo de sua existência. Doar à igreja e, sobretudo a uma ordem religiosa era, na mentalidade medieval, um meio privilegiado para conseguir méritos visando a salvação. Mais significativo era o dom de si mesmo, de seu corpo e de sua alma, estabelecendo uma associação íntima com a vida monástica, pois o laico que doava, o fazia para ter, depois de sua morte, o corpo sepultado entre os religiosos e aproveitar os benefícios espirituais da ordem. As casas religiosas acolheram com simpatia esses associados que, além de seu corpo e sua alma, levavam consigo bens às vezes de valor bem considerável. Esses doadores deviam ser bons e fiéis gestores, agir utilmente para o bem da casa, prestar conta de suas atividades, acolher e bem receber os irmãos e o pessoal da comenda e, portanto, se comportarem como verdadeiros anfitriões.

A despeito de sua breve existência, os templários tiveram um prestígio considerável, não somente no Oriente, onde estava sua vocação mais importante, mas também em todo o Ocidente, o que não evitou, entretanto, como dissemos, a extinção da ordem e os processos que envolveram seus membros.

Os cátaros

Na mesma época dos templários, viveram na Occitania, no sudoeste do atual território francês, os cátaros que, como seus irmãos, foram vítimas dos mesmos carrascos, o rei da França e a Igreja Romana. Eles tinham a mesma guerra.

Como no caso das ordens religiosas e militares, também era necessário recorrer aos poucos documentos disponíveis com uma diferença capital, enquanto os templários deixaram edifícios, igrejas, castelos, comendas e outros, dos catáros não temos nenhum vestígio construído.

Alguns textos originais foram encontrados³, mas a maioria das informações provinha das atas da Inquisição.

Alguns autores como Anne Brenon (2004), Emmanuel Leroy Ladurie (2000) e outros procuram dar a uma imagem do catarismo, como uma imagem com olhares de medo, de felicidade, de credibilidade; ouvindo sermões, risadas e gritos de sofrimento; com falas de mil coisas do cotidiano, compondo lembranças sob forma de deposição frente à Inquisição

³ Foram encontrados textos em latim, “*Le livre des deux princes*”, publicados pela primeira vez em 1931; e “*L’anonyme*” texto em língua Occitan, publicado em 1961, proveniente dos territórios Occitanos, guardados a biblioteca municipal de Lyon.



(BRENON, 2004). Não faz muito tempo, já se tinham os meios para conhecer essa religião: era só consultar as fontes medievais, espalhadas e perdidas durante séculos, mas já identificadas, registradas, na maioria, traduzidas. A pesquisa histórica trabalhou, os documentos falaram, o catarismo não era mais mistério.

O catarismo era uma comunidade que se distinguiu pela pobreza e que se alimentava nas fontes da Igreja primitiva dos apóstolos. Esses homens não se acanhavam em utilizar os textos das Sagradas Escrituras em defesa de suas posições teológicas, o que resultava extremamente perigoso para a Igreja Romana.

Praticamente, são os registros da Inquisição que nos dão hoje todas as informações e a etnologia do catarismo “vivo”, provenientes, na maioria, dos principais territórios occitanos: os condados de Foix e de Toulouse, os viscondados de Trencavel, de Carcassonne, Albi e Rezés.

Foi a partir do ano 1000, quando os documentos começaram a registrar fatos, em que o clero católico se fechava em seus mosteiros e abadias e os habitantes camponeses se fechavam na sua incultura generalizada, que o povo cristão procurava um retorno aos ideais evangélicos da pobreza, da pureza dos costumes, da pregação da palavra de Deus. Certas iniciativas constituíam movimentos divergentes, reformistas com relação ao dogma, mas, sobretudo se opunham aos costumes católicos, ou se colocavam decididamente contra a Igreja. No contexto desta ebulição espiritual, o catarismo inseria-se sem dificuldades (BRENON, 2004).

O catarismo foi um evangelismo: a observância literal dos preceitos de Cristo e, particularmente, o Sermão da Montanha, eram pontos centrais da vida cátara. Não-violentos, recusando as mentiras e os juramentos, os cátaros apresentavam-se às populações cristãs como pregadores da palavra de Deus. Eles arrogavam-se o direito de pregar o evangelho sem se preocupar com a autorização da Igreja oficial, assim como traduzir as Escritas do latim para a língua popular. Vilas e burgos viam chegar os perfeitos aos pares, possuindo tão somente seu vestuário preto e o livro dos evangelhos na cintura. Na época em que a igreja romana só citava os textos sagrados em latim, incompreensível pelo povo, as traduções em língua popular permitiam que o evangelho estivesse ao alcance de todos.

Nas casas cátaras os bons homens viviam em comunidade recebendo a pregação de seus diáconos. As casas estavam abertas a todos, sem nenhum tipo de impedimento.

A religião cátara fundamentava-se no dualismo, defendia a existência de dois deuses: o Deus bom, criador dos espíritos e o outro ruim, criador das coisas materiais. Todo elemento



material estava nas mãos desse Deus perverso e, portanto, tudo o que era material era perverso. O único elemento puro era o espírito, que estava aprisionado num corpo material, num mundo material. O mundo tinha sido governado pelo mal, até que o Cristo veio para ensinar o caminho para o espírito. Os cátaros não acreditavam na divindade de Cristo, na sua morte (que teria sido simbólica), nem na sua ressurreição. O culto cátaro não tinha imagens, nem sacramentos, nem templos; realizava simplesmente reuniões nas quais se lia o Novo Testamento, traduzido em língua occitana; fazia-se uma homilia, recitava-se o Pai Nosso e benzia-se o pão; às vezes seguia-se uma refeição em comum.

A seita era composta por pessoas de todas as classes sociais: desde a nobreza, passando pela pequena nobreza (hostil ao poder eclesiástico e a o poder civil), pela burguesia (que desejava o livre comércio e poder efetuar préstimos com juros), pelos artesãos chegando até aos camponeses (motivados pela aversão aos dízimos e outros impostos). Portanto, não é, como outras heresias, um movimento contestatório só das classes baixas.

Tentando seguir os passos dos perfeitos e dos crentes, de casa em casa, durante quase 50 anos de apogeu da Igreja Cátara, perpassando o drama militar da Cruzada (1209), foi possível olhar para as primeiras manifestações da repressão sistemática organizada para extirpar da vida cotidiana dessa sociedade qualquer hábito religioso não conforme com os critérios católicos.

De todos os testemunhos, que devem ser considerados com relativa prudência, porque redigidos por cléricos católicos numa vontade evidente de marginalizar as realidades dos fenômenos heréticos, aparece uma constante, que documentos posteriores confirmarão: o catarismo não era, “a priori”, um movimento religioso popular, seja no meio rural como no meio urbano; sabia-se que não existiam muitas informações sobre a situação religiosa nas cidades, estando os registros da inquisição, na primeira metade do século XIII, quase que exclusivamente interessados nas paróquias rurais. As grandes cidades eram cidades episcopais. O vescovio católico residia na cidade. A partir de 1230, essas cidades, Carcassone, Albi, Toulouse, eram centros da inquisição e, portanto, sinônimos de prisão inquisitorial.

A palavra evangélica dos bons homens expandia-se nas casas de vizinhos, de parentes, de amigos que os tinham recebido com um sorriso. As casas cátaras estavam abertas para o mundo, para a rua, para os vizinhos. Visitavam-se as boas damas, compravam-se luvas, camisas, vinha-se pedir conselhos, às vezes com curiosidade para escutar a palavra e presenciar os ofícios do diácono e seus companheiros. Quando podiam dispor em sua própria casa de uma sala grande, os anfitriões ficavam orgulhosos em reunir toda a família para ouvir



os perfeitos e, depois, compartilhar a refeição; benziam o pão e invocavam sobre a casa as luzes do Bem. Isto, contudo, foi logo proibido, tendo-se tornado até perigoso receber os bons homens. Pouco a pouco a repressão se intensificava e se sistematizava; as famílias viam morrer na fogueira mães, tias, irmãs perfeitas. O horror e o ódio sustentavam o desejo de revolta; restava só a esperança, conduzida pelas redes de solidariedade que se instituía entre parentes e amigos, entre aliados de sangue e de infortúnio. Os bens eram confiscados em benefício da monarquia: linhagens inteiras constituíram os despossados. Os cavaleiros e os religiosos clandestinos formaram durante duas ou três gerações um clã homogêneo, combatendo a repressão e instituindo um modo ativo de solidariedade.

Contudo, o catarismo, ainda viveu por algum tempo. A heresia conheceu entre 1300 e 1313 uma modesta reanimação em diferentes centros camponeses, sendo esclarecedor o que aconteceu na aldeia de Montailou, nas montanhas da alta Ariège (LADURIE, 2000).

Instalada em Carcassonne (Langedoc) e, sobretudo em Pamiers (Ariège), a inquisição de Jacques Fournier, bispo de Pamiers (1317-1326) e depois eleito papa com nome de Bento XII (1334), conseguiu finalmente desalogiar este último núcleo de resistência, graças a uma investigação minuciosa, seguida de condenações à fogueira ou à prisão ou a outras penalidades. O catarismo não se ergueu mais; tragicamente os acusados de Montailou foram, de fato, os últimos dos últimos cátaros (LADURIE, 2000).

Estudos sócio-políticos tentaram analisar a distribuição do poder que afetava Montailou e a região. Assim, em primeiro lugar havia os poderes externos à região cujos impactos refletiam-se nas cidades. Destacavam-se os poderes políticos senhoriais, que detinham os controles essenciais. O segundo poder vinha da Inquisição de Carcassonne; esta tinha seus delatores, seus policiais, seus “gorilas” e seus monstros (LADURIE, 2000). Os terceiro poder situava-se no bispado de Pamiers. O quarto poder afastado geograficamente, mas dotado de força de dissuasão, era a monarquia.

Desta unidade de poderes resultou a opressão da sociedade de Montailou, esta fazia-se sentir a partir do momento em que os camponeses contestavam a religião católica, enquanto heréticos, ou o dízimo, enquanto devedores. Frequentemente as pessoas deslocavam-se durante a noite, por se sentirem perseguidas; tinham o cuidado com o que se dizia. Andava-se de espada na mão; assobiava-se baixinho para chamar um amigo, um conhecido. Atirava-se uma pedra no telhado, ou na janela da casa de um amigo para que esse abrisse a porta.



A opressão sobre a sociedade de Montailou não vinha tanto dos laicos, nem da nobreza; ela resultava essencialmente das ambições de uma Igreja Totalitária, exterminadora das diferenças de opinião. A alienação conseqüente era simultaneamente espiritual e temporal.

A fé cátara era algo que se vivia e se praticava em casa, em oposição ao dogma romano que preferia o santuário paroquial. As casas importantes de Montailou distinguiam-se por um sentido geral de hospitalidade que implicava deveres e obrigações nos dois sentidos, as do anfitrião e as do hóspede. Proferir ameaças sob o teto do anfitrião era considerado um comportamento grosseiro. A casa estava no centro de uma encruzilhada de valores de importância capital, de parentesco, de aliança e de amizade nascidos pelas inimizades comuns trazendo consigo os fundamentos de uma grande solidariedade.

Significativamente era também a solidariedade pública, que agrupava os homens de uma aldeia na rua e na praça, particularmente aos domingos. Nesta ágora cristianizada pela missa, freqüentada também pelos cátaros, falava-se de mulheres, de negócios e de religião, pois era a grande ocasião de sociabilidade, reunindo aldeões, vindo das casas e das fazendas (LADURIE, 2000).

Conclusões e perspectivas

Pretendia-se, no início de nosso trabalho, pelas visitas nos lugares templários do Larzac e aos lugares cátaros da Occitania, registrar as características da hospitalidade que era praticada nos séculos XII e XIII. Das leituras dos textos mais significativos de quem estudou a história dessas gentes, já mencionados, nós nos encontramos à frente de importantes eventos ocorridos com a hospitalidade que hoje podemos chamar de “clássica”. A hospitalidade templária no Larzac até 1312, ano em que a ordem foi extinta pela bula papal, dava-se como era praticada junto às abadias cistercienses. Era uma hospitalidade gratuita comandada pela regra beneditina.

Do outro lado, no âmbito do catarismo, nós nos deparamos com algumas especificidades e características bem definidas, nos mostrando como a hospitalidade familiar foi se transformando em hospitalidade fundamentada no medo, no terror e na desintegração da sociedade urbana e rural, em função da opressão que essas sociedades estavam sofrendo por atos totalitários da Igreja romana e da monarquia francesa. Os julgamentos tendenciosos e muitas vezes mentirosos levaram a população a criar ligações de solidariedades entre seus membros nobres, artesãos e camponeses, em função de inimizades comuns. Como dissemos



anteriormente, os poderes dominantes implantaram o que, tentativamente, poderíamos chamar de “hospitalidade do medo”, que nos impressiona e nos induz a sugerir novas investigações; é a atualidade dessa hospitalidade e da solidariedade, tão clara em todas as opressões sofridas pela humanidade em qualquer época e em qualquer lugar desse planeta, logo que apareceram injustiças, mentiras, opressões, guerras e torturas, que nos leva a novos conhecimentos.

Não temos condições de desenvolver, neste momento e aqui, essas investigações por falta de espaço e de tempo, mas não nos impede de focalizar algumas dessas pesquisas.

Diversos autores nos fornecem as pistas do conhecimento sobre a hospitalidade. Podemos mencionar Kant, Derrida, Levinas, Arendt, entre outros. Só para ficar com os primeiros, é interessante mencionar a questão da língua do hospede e do anfitrião: Derrida considera uma violência obrigar o hospede a pedir hospitalidade numa língua que não é a sua. Levinas, que nos considera responsáveis pelo outro, não fala de direito, mas sim de ética, pois para ele a hospitalidade é um problema ético-teológico e não jurídico: é um dever moral. Nos termos de Derrida, ainda, esse dever moral é a obrigação única que cada um de nós tem com o outro e leva a uma hospitalidade pura ou incondicional⁴. Por outro lado, para Kant, o problema não é cognitivo; é moral, mas também se resolve juridicamente. Tratar bem os meus convidados é ter um modo de vida virtuoso. “Não posso exercer a escravidão, nem humilhação, nem reduzir o meu convidado a um mero objeto ou meio para um fim”, dizia Kant; nesse exercício estão contidos os deveres de amor (beneficência, gratidão, solidariedade), continua nos relatar Perez (2002). Segundo Kant, ainda, o dever de hospitalidade no plano jurídico se justifica por vivermos juntos, por tolerarmos a mútua presença, mas mantendo uma determinada distância. A hospitalidade não é outra coisa se não as condições necessárias para buscar um intercâmbio, um comércio; Kant está falando de hospitalidade como o direito de alguém estar em algum lugar e poder cuidar de sua própria vida, o significado do conceito de hospitalidade se inscreve no que Kant denomina de “razão prática”; o agir que implica o significado de hospitalidade é um agir motivado racionalmente.

Outros autores devem ser analisados, como Hannah Arendt cuja interpretação do totalitarismo a leva a considerá-lo como perigoso político “moderno”, que combina uma coerção serializada sem precedentes com uma ideologia secular totalitária (BORRADORI, 2004). Por sua vez, a essência do terror não é a eliminação física de quem é percebido como diferente,

⁴ Anne Duformantelle convida Jacques Derrida a falar de hospitalidade. São Paulo, Ed. Escuta, 2003.

mas a erradicação da diferença nas pessoas, sobretudo sua individualidade e capacidade de ação autônoma.

Sem ainda termos sondado em profundidade esses pensamentos filosóficos e políticos dos autores citados, podemos perceber quanto de atual tinham as opressões dos séculos XII e XIII em que estavam envolvidos os templários, os cátaros, a monarquia francesa e a igreja católica romana.

A investigação sobre a hospitalidade templária e cátara nos abriu outras interessantes perspectivas para o estudo da hospitalidade contemporânea, calcada mais em certos aspectos comerciais do que a história e a filosofia nos podem apresentar.

Referências

BRENON, Anne. *Le vrai visage du catharisme*. Portet-Sur-Garonne: Ed. Loubatieres, 2004.

BORRADORI, Giovanna. *Filosofia em tempo de terror. Diálogo com Habermas e Derrida*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2004.

CACENAC, Anonie-Regis. *Les templiers du Lazard*. Nimes: Lacour, 1994.

DERRIDA, J. DUFOURMANTELLE, A. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar de hospitalidade*. Rio de Janeiro: Escuta, 2003.

JACQUE, Mikel. *Cites templieres et hospitalier Du Larzac*. Millau: Ed. Du Beffroi, 2002.

GOFF, Jaques Le. *Histoire et memoire*. Paris: Gallimard, 1988.

GRINOVER, Lucio. *A hospitalidade, a cidade e o turismo*. São Paulo: Aleph, 2007.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. *Montaillou. Cátaros e católicos, uma aldeia occitana. 1294/1324*. Lisboa: Editora 70, 2000.

PEREZ, D. O. *Ensaio de ética e política*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

PEREZ, D. O. *O significado dos conceitos de hospitalidade em Kant e a problemática do estrangeiro. Konvergencias, filosofia e cultura*. Madrid: Diálogos ano IV nº 15, 2007.